

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ATUAM COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

## *PHYSICAL EDUCATION TEACHER'S FORMATION TO LEARNING WITH INTELLECTUAL DISABILITIES STUDENTS*

Talita Lima Chechin Camacho Arrebola

Maria Cristina Marquezine

Dirce ShizukoFujisawa

*Universidade Estadual de Londrina*

**RESUMO:** O estudo teve como objetivo analisar a preparação dos professores de Educação Física frente ao trabalho junto a alunos com deficiência intelectual. Quatro professores de educação física que trabalhavam na Associação de pais e amigos dos excepcionais de Londrina foram entrevistados. As entrevistas foram gravadas e o material transcrito foi submetido à análise de conteúdo. Os dados revelaram que os profissionais entrevistados tiveram contato durante o curso com alunos com deficiência intelectual o que possibilitou, durante as disciplinas, uma melhor formação para atender a esses alunos. A conclusão do estudo indica que a experiência com alunos com deficiência intelectual e a disciplina que relacionava a Educação Física com a área especial levou alguns destes profissionais a ingressarem na área de educação especial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física. Educação Especial. Formação Profissional.

**ABSTRACT:** The study aimed to analyze the preparation of physical education teachers working with students with intellectual disability. Four physical education teachers who worked at the Association of Parents and Friends of Disabled Student in Londrina were interviewed. The interviews were recorded and the transcribed material was subjected to content analysis. The data revealed that the respondents had contact with students with intellectual disabilities during the course, which provided better background to meet these students' needs. The study concluded that the experience with students with intellectual disabilities and the course that related Physical Education with Special Education led some of these professionals to join the field of special education.

**KEYWORDS:** Physical Education. Special Education. Teacher Training.

### INTRODUÇÃO

De forma generalizada, as profissões estão atravessando uma crise, sem precedentes na história, ampliações, reduções e adequações às novas realidades para passar a produzir diferentes formas de atuação. Os educadores, nas últimas décadas, dentro deste contexto assumiram novos direitos e responsabilidades a partir de propostas inovadoras na realidade social. Assim como a formação superior é um processo influenciado por diversos fatores, no qual a relação teoria e prática pode facilitar a formação integral do acadêmico, também esta relação pode produzir subsídios para avaliar o preparo de profissionais do curso de Educação Física.

O processo de formação do profissional da Educação Física tem sido frequentemente analisado e debatido com enfoque na legislação, bem como as propostas curriculares, os estágios e práticas de ensino. No entanto, pouco tem sido feito para compreender o que leva as pessoas a buscarem os cursos superiores de Educação Física e que trajetórias percorrem para chegar ao mercado de trabalho (Silva & Carneiro, 2006).

Segundo Tani (2007), a formação profissional é um processo muito complexo e dinâmico, pois envolve a participação de diversos

elementos constituintes de uma interação com a sociedade e de suas mudanças.

Apesar do salto qualitativo no trabalho da Educação Física Especial nas duas últimas décadas, resultante de vários estudos e pesquisas, ainda é preciso caminhar muito em relação à formação de professores de Educação Física que trabalham com Educação Especial e/ou, especificamente, com deficiência intelectual, visto que a área de atuação do professor junto a alunos com deficiência só surgiu no Brasil, oficialmente, nos cursos de graduação no ano de 1987 (Lopes & Valdés, 2003).

A universidade tem contribuído com a função principal de realizar a formação de recursos humanos que possibilitem o atendimento necessário à sociedade, sendo que cada área pode proporcionar um tipo de serviço fundamentado cientificamente (Ghilardi, 1998).

Procurando preparar cientificamente o ensino superior de seus profissionais, o curso de Educação Física busca estudar a aplicação do movimento humano, a cultura de movimento e/ou a atividade física, e sua contribuição para o atendimento às necessidades sociais, mediante seus projetos, programas e procedimentos de intervenção profissional (Tani, 2007).

O suporte cognitivo necessário para o enfrentamento de novas situações é influenciado pelo conhecimento científico, transmitidos por meio da educação formal. A prática de atividade física é um importante recurso na busca do bem estar, contribuindo no tratamento de pessoas com deficiência intelectual, o que justifica a necessidade de um preparo adequado destes profissionais.

Desta maneira, para que o professor consiga resolver este problema, ele deve adquirir conhecimentos específicos e um dos ambientes facilitadores para isso são as instituições de ensino superior (Neira, 2006).

Com base nestas observações, levantam-se as seguintes questões: O professor de Educação Física está preparado para trabalhar com deficientes intelectuais? Sua formação é ou está adequada para trabalhar com estas pessoas?

Assim, a presente pesquisa busca como objetivo geral analisar a preparação dos professores de Educação Física frente ao trabalho junto a alunos com deficiência intelectual. Como objetivo específico, pretende-se investigar a formação dos professores de Educação Física no que diz respeito a informações e formação na área de Educação Especial.

## MÉTODO

Utilizamos a pesquisa descritiva exploratória de caráter qualitativo, que tem por objetivo descrever determinando fenômeno. A organização dos dados se fará pela presença de propriedades e/ou características das informações (Marconi & Lakatos, 2002).

## PARTICIPANTES

Quatro profissionais, formados em Educação Física, pós-graduados em Educação Especial, que atuam na Associação de pais e amigos dos excepcionais de Londrina (Apae), com alunos com deficiência intelectual participaram do estudo.

## INSTRUMENTO

Utilizamos a entrevista, com um roteiro semiestruturado, visando completar as informações sobre o objetivo do estudo. No início da entrevista, foram apresentados os objetivos, as informações sobre o assegurado direito de anonimato e foi solicitada a permissão para a gravação (Szymanski, 2008).

Manzini (2003) indica alguns os passos para a elaboração de um roteiro semiestruturado de entrevista. Assim, deve-se realizar o planejamento da coleta de dados, a adequação do roteiro, a avaliação por juízes; um projeto piloto. Posteriormente, deve-se proceder as adequações e, finalmente, utilizar, da forma definitiva, o roteiro.

O roteiro continha 14 questões sobre a formação inicial e continuada dos profissionais que atuavam na Educação Especial, a experiência profissional destes professores e como estava ocorrendo a formação inicial nas instituições de ensino superior.

Um Termo de Consentimento Livre Esclarecido foi assinado no início da pesquisa, que buscou garantir os objetivos da pesquisa, os direitos, os possíveis ganhos, dentre outros (Concone & Cerveny, 2008).

## PROCEDIMENTO PARA COLETA

A coleta de dados ocorreu após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido quando se procedeu a gravação da entrevista com professores. Elas foram realizadas no próprio ambiente de trabalho do professor.

As entrevistas foram transcritas e após estas transcrições ocorreu a análise dos dados, que ocorreu por meio da análise de conteúdo, gerando dois grandes temas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os temas das entrevistas foram: 1) formação acadêmico/profissional dos profissionais que atuavam com deficientes intelectuais, 2) como estava ocorrendo a contribuição destes profissionais, que atuaram com deficientes intelectuais, na formação dos novos professores de Educação Física.

### TEMA 1 - FORMAÇÃO ACADÊMICO/ PROFISSIONAL DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM DEFICIENTES INTELECTUAIS

[...] eu não digo a educação especial propriamente dita, mas se a gente parar para pensar o curso de graduação, ele nos dá uma referência, a capacitação específica nós que vamos buscar, eu não saio da faculdade apta a dar uma aula de voleibol, por exemplo, eu tenho todo o conceito, [...] tenho a teoria, capacitação virá através do que eu vou buscar depois, a especialização e principalmente a prática[...]. [p1]

Subdividido o tema 01, podemos encontrar: a relação entre o contato fora do ambiente acadêmico; a formação inicial; os estágios e projetos de extensão; a busca de embasamento teórico/ pós-graduação.

Para os professores, a sua entrada na Educação Especial surgiu por meio do contato com familiares com deficiência; ou familiares que atuam em escolas especiais; ou até por influência de sua formação acadêmica; ou não tiveram contato com esta população antes de trabalhar nas escolas especiais

[...] temos uma tia, que é deficiente físico, [...] eu sempre estava no meio de pessoas que tenha um tipo de deficientes, mas a opção mesmo surgiu quando eu estava na faculdade, através de um projeto eu fui trabalhar no que o instituto do cego [...] era um projeto de dança de salão para deficientes visual. [p1]

[...] tive uma mãe que trabalhou na APAE, por muito tempo, então eu preciso contar com eles, eu preciso saber, enquanto sou estudante, como eu trabalho para poder atendê-los, e foi daí então que fui fazer o estágio aqui na Apae. [p3]

[...] eu tinha sim, eu tinha uma irmã que trabalhava aqui também, eu pude estar trabalhando, de estar conhecendo [...]. [p4]

[...] eu nunca, até eu começar a trabalhar eu nunca tinha trabalhado na educação especial. [p2]

As falas nos revelam que já existia o contato anterior à formação acadêmica; assim, surge uma nova visão na formação acadêmica deste profissional em questão. A graduação propiciou ou não a presença de conteúdos relacionados à Educação Especial. Praticamente, todos os professores tiveram em sua formação inicial uma disciplina relacionada e/ ou participaram de projetos de extensão ou estágios.

[...] tive sim, no curso de educação física, tive uma disciplina intitulada educação física especial. [p1]

[...] eu não tive não, na época que eu fiz, há mais tempo não tinha a disciplina ainda não, eu terminei em 84, então eu não tive nada. [p2]

[...] Bom, eu tive na graduação, durante a graduação eu tive a disciplina Educação Especial, [...] eu fiz o estágio, ela foi minha supervisora. [p3]  
[...] e tive a matéria no último ano da faculdade, educação especial, eu tive o básico, eu tive o básico mesmo, eu tive um pouco de prática mais com o visual, mas com as outras deficiências não, eu tive a base, que conta mesmo é a experiência [...]. [p4]

Além da disciplina nos cursos de formação, estes profissionais encontraram nos “estágios” a maneira de ampliar o conhecimento, aprimorar os conteúdos.

[...] mas a opção mesmo surgiu quando eu estava na faculdade, através de um projeto eu fui trabalhar no que o instituto do cego [...] era um projeto de dança de salão para deficientes visual. [p1]

[...] eu preciso saber, enquanto sou estudante, como eu trabalho para poder atendê-los, e foi daí então que fui fazer o estágio aqui na Apae. [...] O obrigatório, ao invés de ir para o ensino regular [...] então eu passei um ano inteiro aqui na Apae de Londrina. [p3]

A formação do professor contribui para a mudança na própria prática à medida que se explicitam as contradições e os conflitos que a perpassam. A união entre a teoria e a prática da formação, em nível superior, dos professores é de grande qualidade para o trabalho deste profissional (Sant’ana, 2005).

Na realidade, podemos dizer que uma apropriada formação do professor é aquela que lhe propicia aprender, criar, recriar e transformar, sendo um processo que nunca se finaliza enquanto estiver em exercício profissional (Alves, 2002).

Segundo o artigo 61, da LDB 9394/96 (Brasil, 1996):

A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II - aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

[...] fiz a pós [...] [p1/2/3/4]

Na realidade a busca de aprimoramento vem surgindo com a necessidade de um maior embasamento teórico, pois este conteúdo:

[...] era nenhum. [p2]

[...] veio, mas da necessidade da nomenclatura [...] para estar discutindo como algum professor. [p1]

Desta maneira, todos os profissionais pesquisados buscaram com um curso de pós-graduação, e com outros cursos de aprimoramento, a melhora do embasamento teórico, e além disso, a maioria deles tiveram contato, com estágios, com estes alunos, desta maneira puderam unir a teoria, que tiveram na formação inicial e na continuada.

Quando falamos do processo de educação, existe a necessidade do aprimoramento da formação de professores (Lopes & Valdés, 2003). Estes profissionais necessitam mudar e inovar para que sejam facilitadas, pois suas concepções pedagógicas devem adaptar-se às inovações e mudanças que são inerentes às suas intervenções profissionais (Rodrigues, 2005).

## TEMA 2 - COMO ESTAVA SENDO A CONTRIBUIÇÃO, NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL, DOS NOVOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ATUAREM COM ALUNOS ESPECIAIS

A formação profissional ocorre dentro de um conjunto de medidas, nas quais tem por objetivo a re-conceituação de formação do profissional (Silva, 2002).

Para Tani (2007), a formação de um profissional em Educação Física implica em um curso preparatório em nível superior, devidamente fundamentado num corpo de conhecimentos acadêmico-científicos.

No ambiente de trabalho destes profissionais, o estágio está presente e todos eles recebem estagiários para estarem observando e atuando.

O Estágio Profissional Supervisionado contribui para o processo de transição profissional, educação e trabalho, e proporciona ao estudante a oportunidade de demonstrar conhecimentos e habilidades adquiridas e também treinar as competências que já detém sob a supervisão de um profissional da área (Brasil, 2002).

Além disso, Freire e Verenguer (2007) acreditam que o estágio deve estimular o desenvolvimento da competência para a investigação científica, sendo um momento de criação ou recriação de conhecimentos, essencial para que o profissional possa pesquisar e compreender sua própria intervenção e construir novas propostas para a área. Nessa perspectiva, a supervisão das atividades do estágio deve acontecer durante as aulas para propiciar, num espaço privilegiado, a interação entre a formação acadêmica, prática como componente curricular e estágio supervisionado. Filgueiras, Rodrigues e Verenguer (2007) complementam que o estágio deve assegurar o constante diálogo entre a realidade de atuação profissional e os conhecimentos acadêmicos, por isso fazem-se necessários a elaboração de um planejamento que leve em consideração a realidade do aluno em formação, os espaços disponíveis para o acompanhamento do cotidiano escolar e espaço para a exposição das percepções dos graduados, bem como da confrontação de ideias sobre o cruzamento entre a formação acadêmica e o cotidiano escolar.

[...] nós recebemos estagiários [...], nós percebemos uma diferença muito grande tanto de instituição para a instituição, como de aluno para aluno ... [p1]

Mas os professores estão encontrando dificuldades ao receberem alunos para realizarem estágio de observação:

[...] até o ano passado, eles tinham hora de intervenção tanto em especial quanto em regular, hoje não têm mais intervenção no ensino especial, somente para o estágio de observação só um período pequeno de observação não vai tirar nenhum preconceito, nem de você nem de ninguém ... [p3]

[...] é porque antigamente tinha a observação, a participação e a direção, então ele tem um tempo de observar, de conhecer os alunos, tem o tempo de participar junto o com o professor, que ele necessita desta participação, é complicado eles chegar e ficar olhando, ele não vai ter uma visão, simplesmente está sentado ali olhando, o legal é a prática estar junto com alunos, com o professor e com o aluno, para estar participando, estar conhecendo as dificuldades... [p4]

[...] e agora com estas mudanças de estágio eles não precisam mais, o que eu acho muito ruim para a gente que recebe, porque e cada vez que ele chega uma pessoa, duas ou três, um grupo, a conduta deles muda e muda muito, e eles não participam mais, então, agora é só observação [...], mas a observação só atrapalha, porque o aluno não é o mesmo você olhando, não é o mesmo, e para o estagiário não vejo o benefício... [p2]

[...] é só observação [...] tem observação e a co-participação, tem diferença sim e vai também muito do estagiário, entendeu, às vezes ele senta, o estagiário senta e fica ali sentado, estava na parte dele observando, agora uns que não, que vem para observar [...], quer participar quer conhecer os alunos [...], não tem problema nenhum, ele demonstrou interesse a gente até chama para estar trabalhando na aula junto com a gente, a gente propõe para ele se ele quiser direcionar uma aula, eles podem estar direcionando, ele foi nosso estagiário. [p4]

Na realidade, como foi dito nas falas anteriores, o estágio vai muito pelo interesse do estagiário, pois só observar, mas ele “tem que estar pré-disposto a [...], você quer ser professor” [p3]. Assim estes profissionais fazem parte da formação de todos os estagiários que passam pelas aulas, passando suas experiências profissionais.

[...] e a cada ano meu pensamento que passa, meu pensamento fica mais firme, eu vejo que tantas pessoas, que têm interesse de passar por um curso de educação física e atuar na área de especial, têm que passar na escola especial, atuar na área da Educação Especial e no ensino regular, pedia que você aprende como aplicar um conteúdo de várias maneiras, por que lá fora você vai ensinar um jogo de bola queimada, normalmente a criança já traz de casa, você não precisa pensar muito em várias estratégias para que aquele aluno aprenda, agora aqui não, você demora um bom tempo para ensinar, mas quais as atividades preparatórias que você vai dar para este aluno para ele chegar até o aprendizado propriamente dito, que é o jogo final?, então a gente tem que aprender a esmiuçar o conteúdo para trabalhar sem desmotivados o aluno, se não ele olha para cara e diz não vou fazer mais. [p1]

As atividades regulam a prática, mas devemos compreender sua estrutura e objetivos, para que seja possível entender qual é o esquema integrador que define as orientações, as concepções e as práticas de um determinado professor (Rodrigues, 2005).

## CONCLUSÃO

Sabe-se que, além da transmissão de diversos conhecimentos, as instituições de ensino superior devem facilitar a aquisição de habilidades, capacidades específicas, nas quais são apenas alguns dos saberes que o profissional da Educação Física deverá adquirir durante os anos na universidade.

Ao analisarmos os dados obtidos, por meio da entrevista, podemos perceber que além da história de vida destes professores, com familiares especiais, com parentes que trabalhavam em instituições, a escola foi influenciada por outros fatores.

A graduação, com a disciplina que relacionava a Educação Física com a área especial, levou alguns destes profissionais a realizarem estágios nas escolas especiais.

E logo ao ingressarem na vida profissional, buscaram a melhoria de seu embasamento teórico, todos foram em busca da formação continuada com a pós-graduação em Educação Especial.

Assim, a formação fixa-se no aprender a ensinar e no ensinar a aprender. Possibilitando desta maneira a formação de professores ao ser preparados para solucionar problemas.

Cabe ao professor buscar cada vez mais e com maior intensidade o conhecimento técnico, salientando que a pessoa que dele aprende deve ser tratada com tolerância, respeito e carinho (Algusto, Merques & Venancio, 2007).

## REFERÊNCIAS

- Alves, W. F. (2005). A formação continuada e o desenvolvimento profissional do professor: paradigmas, saberes e práticas nos cursos de especialização em educação física escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, São Paulo, 19(1), 35-48.
- Santos, A. D. I. L.; Merques, M. J. C. M & Venancio, S. (2007). *Competências, habilidades e a formação do educador. Movimento e Percepção*. Espírito Santo do Pinhal, 7(10).
- Brasil. (1996). *Lei n. 9394*, de 23 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Distrito Federal. 1996.
- \_\_\_\_\_. (2004). Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física. Parecer Nº: CNE/CES 0138/2002, de 03 de abril de 2002. Relator: Carlos Alberto Serpa de Oliveira. Distrito Federal, 2004. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0138\\_2002.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0138_2002.pdf). Acesso em: 15 de setembro de 2007.
- Concone, M. H. V. B. & Cervený, C. M. O. (2008). Research and the (free and) informed consent. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 13(2).
- Freire, E. S. & Verenguer, R. C. G. (2007). Estágio Supervisionado: A nova proposta para o curso de bacharelado em educação física da Universidade Presbiteriana Mackenzie. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 6(2), 115-119.
- Freire, E. S.; Verenguer, R. C. Garcia & Reis, M. C. C. (2002). Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 1(1), 39-46.
- Ghilardi, R. (1998). Formação profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. *Motriz*, Rio Claro, 4(1).
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2002). *Técnicas de pesquisa*. 5ed. São Paulo: Atlas.
- Lopes, A. W. A. & Valdés, M. T. M. (2003). Formação de professores de educação física que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais (deficiência auditiva): uma experiência no ensino fundamental da rede pública de fortaleza. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, 9(2), 195-210.
- Manzini, E. J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In M. C. Marquezine, M. A. Almeida & S. Omote (Org.). *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Edel.
- Neira, M. G. (2006). *Representações sobre a docência em Educação Física: modificações a partir de um programa de formação*. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/33/13.htm>>. Acesso em: 20 de novembro de 2007.
- Rodrigues, A. J. (2005). A Organização E gestão do processo ensino-aprendizagem no 1º ciclo do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, 11(3), 431- 444.
- Sant’ana, I. M. (2005). Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em estudo*, Maringá, 10(2).
- Sant’ana, M. H. (2005) Paradoxos da formação de professores para a educação especial: o currículo como expressão da reiteração do modelo médico-psicológico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, 11(2), 255-272.
- Silva, P. T. N. (2002). *A formação do professor de educação física no Brasil: avanços e retrocessos*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.



- Silva, S. A. P. S. & Carneiro, A. B. (2006). Perfil de ingressantes e razões de escolha pelo curso Superior de Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, 12(1), 09-21.
- Szymanski, H. (2008). Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In H. Szymanski, L. R. Almeida & R.C.A.R. Prandini (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva* (p. 09 – 61). Brasília: Líber Livros Editora.
- Tani, Go. (2007) Avaliação das condições do ensino de graduação em Educação Física: garantia de uma formação de qualidade. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 6(2), 55-70.

## NOTAS SOBRE OS AUTORES

### TALITA LIMA CHECHIN CAMACHO ARREBOLA

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Norte do Paraná (2007), especialista em Metodologia do Ensino superior (2008), pela Unopar, especialista em Acupuntura (2012) pelo IBRATE - Londrina, acadêmica do curso de Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Estadual de Londrina - UEL . Atualmente atua seguintes temas: ginástica laboral, vestibulandos, relação teoria e pratica, risco cardíaco e formação acadêmica e é professora na Educação Básica. talita.arrebola@hotmail.com

### MARIA CRISTINA MARQUEZINE

Possui graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (1974), e no curso de Formação de Psicólogo pela Faculdade de Humanidades Pedro II (1982), mestrado em Psicologia Escolar pela Universidade Gama Filho (1983) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Atualmente é professor associado a da Universidade Estadual de Londrina. Tem experiência na área de Educação, Psicologia da Educação, com ênfase em Educação Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: educação inclusiva; deficiência Intelectual, formação de professores-recursos humanos, família, inclusão no ensino superior e altas habilidades/superdotação. mcrismarquezine@gmail.com

### DIRCE SHIZUKO FUJISAWA

Possui graduação em Fisioterapia pela Universidade Estadual de Londrina (1984), mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Atualmente é professor associado A da Universidade Estadual de Londrina, docente do Programa de Mestrado Associado UEL-UNOPAR em Ciências da Reabilitação. Tem experiência na área de Fisioterapia em Pediatria, atuando principalmente nos seguintes temas: paralisia cerebral, mielomeningocele, alterações posturais, controle motor, educação especial, ensino em fisioterapia e crescimento e desenvolvimento infantil. dirce07@sercomtel.com.br

